

Behaviorismo: Aclamado por uns, criticados por outros

Jennifer Carolina dos Santos Guimarães¹,
Maihelly Martins de Souza²,
Suelmara Petrolino de Almeida Lana³,
Gésica Borges Bergamini⁴

Colocação do problema

Este ensaio é parte de uma análise da obra “Sobre o Behaviorismo” de B. F. Skinner, que tem como objetivo discutir e analisar não só a importância do Behaviorismo para ciência do comportamento, como evidenciar a explicação de eventos mentalistas dentro desta corrente. Para tanto, utilizaremos como base os primeiros sete capítulos da obra, assim com outras obras de Skinner, como também obras e artigos de outros autores para a explicitação das críticas feitas ao Behaviorismo Radical.

Críticas voltadas a pontos que, para muitos autores, não são explicadas nesta corrente, como por exemplo, a questão da auto-observação que, para Behaviorismo Radical não se nega a possibilidade da auto-observação ou do autoconhecimento ou sua possível utilidade, mas questiona a natureza daquilo que é sentido e observado e, portanto, conhecido. Segundo Skinner, o que uma pessoa conhece de si mesma depende das contingências às quais ela foi exposta durante a sua vida, ou seja, a condição para o autoconhecimento é dada pela comunidade à qual o indivíduo pertence.

O tema proposto objetiva mostrar que o behaviorismo radical “muitas vezes é criticado de forma preconceituosa e indevida e muito dessas críticas é na verdade críticas a psicologia de Watson e não ao behaviorismo radical de Skinner e o entendimento das diferenças entre os modos idealista e materialista de pensar ajuda a esclarecer a maneira de estudar e compreender o comportamento para o behaviorismo radical” (GUIMARÃES, 2003). Isto porque o Behaviorismo Metodológico descartou-s

Acadêmicas do curso de bacharel em Psicologia na Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal – FACIMED. Contatos:

¹ jennifer.santos.guimaraes@gmail.com

² maihellipsi@gmail.com

³ Suelmara27@gmail.com

⁴ Docente do curso de bacharel em Psicologia na Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal – FACIMED. Contato: gpensemagro@gmail.com

de muitos problemas despertados pelo Mentalismo, contudo a maioria dos behavioristas metodológicos admitia a existência dos fatos mentais, ao mesmo tempo em que os excluía de consideração.

“O behaviorismo metodológico foi bem sucedido em relação a seus próprios objetivos. Descartou-se de muitos problemas suscitados pelo mentalismo, ficando livre para trabalhar em seus próprios projetos, sem digressões filosóficas.” (Skinner, 1974, p.17)

Este ensaio tem como finalidade mostrar a teoria behaviorista, partindo do ponto de vista skinneriano, apontando considerações que batiam de frente com renomados teóricos como Sigmund Freud e Carl R. Jung, visando elucidar tais críticas e deixar nítido a concepção mentalista sob o a corrente do behaviorismo radical.

Sobre o Behaviorismo Radical, sobre Skinner.

"Sobre o behaviorismo" (Cultrix, 1974, 211 páginas), do psicólogo Burrhus Frederic Skinner, apresenta visão do autor sobre behaviorismo através da colocação de conceitos básicos e a discussão sobre as suas implicações. Uma obra de extrema importância para a análise científica do comportamento humano, que origina uma filosofia para a ciência do comportamento. Mas que até hoje gera muitos debates e críticas que em sua maior parte dada à falta de conhecimento dos fundamentos skinnerianos.

Além de Sobre o Behaviorismo, o autor elaborou outras diversas obras, como: O comportamento Verbal, Ciência e Comportamento Humano, A Ciência de Aprender e a Arte de Ensinar, Superstição em Pombos, Estudante Criativo, O Planejamento de Culturas, O que é Comportamento Psicótico? entre outros. Assim de acordo com os autores Moreira e Medeiros (2006) “em quase sete décadas dedicadas à pesquisa e à produção de conhecimento em psicologia, Skinner escreveu e publicou em torno de 300 artigos e cerca de 20 livros. Suas publicações abrangeram os mais diversos assuntos.”

Considerado o mais importante behaviorista, B. F. Skinner conduziu trabalhos precursores na psicologia experimental e foi o proponente do Behaviorismo Radical, buscando compreender o comportamento através de um sistema relacional entre organismo e ambiente. Desta maneira segue a importância deste livro de Skinner “Sobre o Behaviorismo” o qual pode ser compreendidos conceitos básicos dessa linha teórica e conseqüentemente seu conjunto de críticas procedente dessa análise do comportamento.

“Sobre o Behaviorismo” inicia apresentando as possibilidades de se entender às causas do comportamento, através de alguns conceitos, como, o estruturalismo em que não se assume a possibilidade de explicar as causas do comportamento, e sim de descrevê-los. Já no behaviorismo metodológico, proposto por Watson, há a limitação das causas como somente aquilo que é observável objetivamente por mais de uma pessoa, não se descartava existência do mentalismo, apenas o excluía devido ao fato de serem acontecimentos que não podiam ser observados, e a introspecção não era aceita como uma prática científica já que não poderia ser observado por mais de uma pessoa.

Deve-se dar ênfase ao conceito de comportamento, pois o mesmo precisa ser definido, porque assumir somente aquilo que é visível de fato para o estudo e a análise do psicólogo pode ocasionar a omissão de uma série de processos que são de extrema importância. Deste modo Skinner ampliou o conceito de comportamento para elucidar o que pode ou não ser emitido, e conseqüentemente quando ampliou este conceito o enquadrou aos aspectos cognitivos, mas sem lhe dar status causal para esses aspectos, assim não assume o que está dentro do sujeito como causa do comportamento de alguém.

O behaviorismo se refere então ao estudo do comportamento, e para isso sua observação tornou-se fundamental. A proposta de Skinner, no Behaviorismo Radical, aceita a possibilidade da auto-observação de comportamentos, restaurando assim introspecção descartada por Watson até então. Skinner também não excluiu os acontecimentos mentais, os considerava como eventos internos, entretanto não significa que esses eventos sejam as causas do comportamento, não lhe atribui natureza especial.

Para o autor as causas do comportamento estão no ambiente, assim “exerce um tipo diferente de efeito durante a vida de um indivíduo e a combinação dos dois efeitos é o comportamento que nós observamos em qualquer momento dado” (Skinner, 1974, p.17). Pode-se então associar a dificuldade de aceitar a obra devido à complexidade do assunto, que já em todo seu primeiro capítulo coloca diversas visões de um mesmo fator: as causas do comportamento, mostrando uma forte característica do teórico em explicar detalhadamente e aprofundando ao máximo de seus conceitos visando à objetividade de suas obras.

Uma vez presente a questão do dualismo no Behaviorismo de Watson trazia para Skinner a ideia de que maiorias dos behavioristas metodológicos admitiam a existência dos fatos mentais, ao mesmo tempo em que os excluía de consideração (Skinner, 1974,

p. 18) dando ênfase aos métodos, baseava-se no realismo, distinguindo mundo objetivo de mundo subjetivo. O behaviorismo radical, todavia, adota uma linha diferente não nega a possibilidade da auto-observação ou do autoconhecimento ou sua possível utilidade, mas questiona a natureza daquilo que é sentido ou observado e, portanto, conhecido.

Defende que o que realmente existe são acontecimentos físicos, porém privados no caso comportamentos encobertos, e trabalhar com este tipo de objeto nos leva a um mundo científico e objetivo. Como explica Maria Amélia Matos em Behaviorismo Metodológico e Behaviorismo Radical:

“O behaviorismo surgiu em oposição ao mentalismo e ao introspecionismo, mas, de fato, isso só é verdade na obra de behavioristas clássicos como Watson e Guthrie. Em fins do século passado a ciência de modo geral começou a colocar uma forte ênfase na obtenção de dados ditos objetivos, em medidas, em definições claras, em demonstração e experimentação. Esta influência se fez sentir na psicologia [...]” (MATOS, 1995, p.2).

Ainda, admite que seja de grande utilidade prática dos relatos a respeito dos eventos internos, os considera como pistas para o comportamento passado e condições que o afetaram, como para o comportamento atual e as condições que o afetam e também para condições de comportamentos futuros.

Quando Skinner propõe a ideia de comportamento verbal, que desde que a musculatura vocal ficou sob o controle operante proporcionou através das consequências reforçadoras o mantimento e molde deste comportamento, que exerce funções de comando por controle, regras sociais, leis verbais entre outros tornando assim a humanidade mais sociável, pois esta linguagem é produto de comportamento verbal sendo necessário à interação com determinado grupo – comunidade verbal a que pertence –, de maneira a adquirir instrumentos para a expressão de significados, pensamentos, idéias entre outros. O comportamento verbal traz ganhos para o grupo em si, não para seus membros, o que torna possível a evolução do ambiente social, como também, traz ganhos sobre os efeitos do próprio falante já que se torna reforço de seu próprio comportamento, e exerce um grande controle sobre o comportamento-não verbal podendo influenciar na forma de interpretação do mundo.

O comportamento não-verbal, ou privado, o pensamento, por exemplo, que diferentemente das formulações mentalistas é vista como deslocação do ambiente em forma de experiência para a mente, que novamente é rebatido por Skinner (1953-1998), de forma que esse tipo de concepção não tem importância para o psicólogo já que não se

pode acessar ou interferir neste processo o que é de grande importância é o estudo da influência do pensamento sobre o comportamento. Assim para os analistas do comportamento é de relevância maior “identificar as situações em que o controle verbal é mais poderoso, e as situações em que ele não produz grande influência sobre o comportamento não-verbal” (FAGGIANI, 2008).

Esta obra nos faz questionar e analisar como algumas pessoas ou teorias ensinam as outras a falar sobre seus próprios eventos privados se elas não têm acesso aos eventos, então o sujeito aprende a qualificar um estado de certa maneira pela comunidade verbal a qual ela não tem acesso, sendo uma aprendizagem muito dedutiva. Assim, o comportamento é erroneamente atribuído aos sentimentos e não as contingências responsáveis por aquilo que se sente (Skinner, 1974, p. 53) tornando-se um dos pontos cruciais da obra de Skinner que mostra que algumas atribuições são inacessíveis e inaceitáveis como causas do comportamento de alguém. E sim, a análise de qual as contingências e variáveis que este sujeito esta sobre controle.

Após uma série de explicações a cerca de estados mentais e sentimentos o autor aborda outra questão mentalista para que se verifique o condicionamento operante: A mente não é a causa do comportamento. O que ocorre dentro do organismo é parte do que precisa ser explicado e não a explicação, o Behaviorismo Radical está, sim, interessado na mente, mas se ela estiver sendo entendida como o conjunto dos eventos privados e não como construto ou aparato de outra qualidade físico que o restante da realidade.

Nesse sentido, a teoria da mente poderia explicar como as representações são formadas, qual a lógica da memória, de onde vêm às emoções, como ocorre o processamento de informação e assim por diante, mas tais ciências não forneceria uma explicação causal completa do comportamento. O ambiente controla a percepção o próprio ato é a percepção. Não existe copia “armazenamento”, mas sim contingência ou até mesmo uma relação entre a própria situação. Nas palavras do autor, uma pessoa é modificada pelas contingências de reforço em que age, ela não armazena as contingências. (Skinner, 1974, p.74).

Discriminar, abstrair, discernir, prestar atenção são operações que, ao contrário que o senso comum acredita, são concebidas pelo behaviorismo, pois envolvem contingências de reforço já que um histórico de reforços produziu um controle por estímulos. Pois apesar de serem eventos privados, na análise do comportamento são

comportamentos mesmo que estes não sejam em sua maior parte passíveis de observação direta, não cabe ao behaviorismo radical negar a existência tais concepções, embora seja o que muitos acreditem, mas sim de explicá-las de maneira não dogmática.

Elucidação às críticas

Para Skinner (1974, p.24) nenhum tipo de causa deve se descartado, mas que as explicações destas devem ser concretas e que possam ser comprovadas, de maneira a apresentar dados conclusivos sobre a influência de determinados fatores em determinados comportamentos. As causas do comportamento não devem ser atribuídas a processos estruturas internas (mentalismo), devem ser buscadas na sua história de interações com seu ambiente, no caso seria o modelo de seleção pelas consequências (Skinner, 2007, p.129).

Tais considerações se contradizem com diversos autores renomados como as obras de Sigmund Freud (1886-1939), como também, o Carl R. Jung (1875-1961) autor que se destacava na época, ambos atribuíam a causalidade de nosso comportamento ao inconsciente. Para estes e outros autores adeptos do mentalismo, os nossos comportamentos estão relacionados a fatos ocorridos em nosso passado, ou até mesmo a um passado ancestral, e que não teríamos consciência destes, mas que explicariam tais atos. (BANOV, 2002).

Segundo a análise do comportamento todo comportamento é selecionado pela interação entre organismo e ambiente, então o que é feito hoje é resultado de algum determinante, a grande questão é estabelecer qual o determinante. Para Sigmund Freud (1886-1939) na psicanálise o determinante é o inconsciente, assumindo que não existe coincidência e que de maneira geral não há livre arbítrio, assim o determinante é produto de um conteúdo que eu não posso conhecer e o colocando em um estado causal. A grande questão de tudo isso é estabelecer um modelo conceitual que nos diga: isso foi feito e é função de alguma coisa. Para Skinner, o sujeito é fruto de uma história selecionada a grande questão é entender como aconteceu, como ela passou a estabelecer maior ou menor probabilidade para a emissão de certas respostas.

Podemos perceber esse aspecto quando Jung diz que “a psicologia, como ciência, relaciona-se, num primeiro plano, com a consciência; a seguir, ela trata dos

produtos do que chamamos psique inconsciente, que não pode ser diretamente explorada por estar a um nível desconhecido ao qual não temos acesso” (Jung, 2001, p. 3). De maneira que durante toda sua obra enfatiza nas explicações comportamentais e acontecimentos, como em seu segundo capítulo em que faz suas considerações a respeito dos acontecimentos internos, dentro da pele, fazendo questionamento a respeito da importância dada as descrições da vida mental na qual “mesmo aqueles que insistem na realidade da vida mental geralmente concordam em eu pouco ou nenhum progresso foi feito desde os tempos de Platão.” (Skinner, 1974, p.31).

Sobre a questão a comunidade verbal apontada por Skinner, o autor explicita que com certa medida solucionar problemas da privacidade, mas descrições nunca são totalmente precisas. Diante dessa exposição podemos relacionar os eventos públicos e privados na elucidação de suas relações com as causas do comportamento. A resposta verbal está relacionada ao comportamento privado que pode possuir diversas variáveis que controlam a sua emissão. Por muito tempo tentou-se encontrar as causas do comportamento dentro dos organismos, por exemplo: Por que eu bebo água? A resposta para as teorias mentalistas seria que eu bebo água porque tenho sede ou porque tenho vontade, percebe-se que estas explicações para o comportamento do sujeito esta voltada para dentro do organismo. o que a análise do comportamento faz, é estabelecer a causa do comportamento no próprio comportamento, a definição de comportamento vai depender do entendimento de quem é o organismo e qual ambiente ele se comporta. Então a própria definição de comportamento vai assumir duas unidades a unidade do ambiente e a unidade do próprio organismo.

“Alguém pode estar se perguntando por que organismo? Porque organismo é aquele que altera o ambiente e o foco da análise, o que seleciona o comportamento de beber água não são aspectos cognitivos e sim uma análise de fatores filogenéticos, ontogenéticos e culturais. Indivíduos de uma mesma espécie partilham de mesmo conjunto de contingências filogenéticas, e indivíduos com uma história passada semelhantes podem partilhar de contingências semelhantes e, portanto, para certas variáveis é possível descrever funções semelhantes para diferentes indivíduos.” (MATOS, 1995, p.7).

Freud encontrou tais explicações nos conceitos de Id, Ego e Superego, já na análise do comportamento Skinner definiu tais causas do comportamento analisando o mundo fora do sujeito, no caso em seu ambiente. Isso de fato gera uma série de críticas para a obra do autor, pois pode parecer que o autor desconsidera os acontecimentos internos, contudo Skinner questiona somente a forma pela qual entramos em contato

com o que chamamos de eventos privados. Isto porque são eventos que somente o organismo tem acesso.

Mantêm uma relação com o ambiente e este ambiente é qualquer evento que afete esse organismo, podendo ser tanto os estímulos eliciadores, ou seja, uma alteração no ambiente elicia uma resposta no organismo podendo estar relacionado com o comportamento respondente, estímulo discriminativo situações que antecedem determinada resposta, e que tenham sido vinculadas a um reforço. A partir do estímulo discriminativo o sujeito pode prever a possibilidade de reforço após eliciar determinado comportamento e também os eventos consequentes dessa ação, possibilitando a modificação do repertório comportamental do indivíduo.

Desse modo explicações sobre o comportamento que variam de acordo com os tipos de respostas aceitas pela comunidade verbal, Freud quando utiliza o conceito de superego no qual se refere às regras sociais, pois é moldado pela sociedade, assim é a comunidade verbal proposta por Skinner na análise experimental vai diretamente às causas antecedentes que estão no ambiente (Skinner, 1974, p. 30). Skinner afirma a importância do comportamento autodescritivo em sua obra, refletindo na diferença e semelhança entre o comportamento e o relato do comportamento ou das suas causas, visto que se a consequência é reforçada ou mantida por uma comunidade, pode-se encontrar dessa maneira todas as variáveis das quais a probabilidade da consequência é função.

Observamos contradições na proposta skinneriana quando comparada com os demais autores na qual uma teoria mentalista faz inferência de valores quando se trata de autoconhecimento ou de conhecimento privado do mundo do outro. Isso porque produz explicações baseadas em agentes causais internos, para Skinner os eventos mentais são efeitos colaterais das causas do comportamento e não de fato as causas do comportamento. Podemos perceber como o campo da mente é tão remoto hoje em dia quanto o era em seu descobrimento por Platão. (Skinner, p. 103). Os sujeitos são simplesmente levados a relatar suas atividades em termos subjetivos voltados para seus sentimentos e naquilo que introspectivamente observam enquanto pensam, deixando de relatar fatos e consequências de suas histórias anteriores.

Uma solução muito mais simples será identificar a mente como a pessoa. O pensamento humano é comportamento humano. A história do pensamento humano é

aquilo que as pessoas disseram e fizeram. Os símbolos matemáticos são os produtos de comportamento verbal escrito ou falado, e os conceitos e relações de que são símbolos estão no meio ambiente. O pensamento tem dimensões do comportamento, não de um suposto processo interior que se expressa no comportamento (Skinner, p.103).

“O comportamento é um campo de estudo em si mesmo. Evidentemente que há interação entre essas funções do organismo, mas essa relação não é de causalidade. O behaviorismo radical é considerado um ambientalista e acusado de esvaziar o organismo, de estudar uma caixa preta... Não! Estas críticas se originam de uma postura pré- galileica, do que poderíamos chamar organocentrismo em Psicologia. O homem é o fenômeno de interesse, é a origem de todas as coisas, não sua interação com o universo. Para Skinner, o organismo não é nem gerente nem iniciador de ações, é palco onde as interações Comportamento-Ambiente de dão” (MATOS, 1995, p.7).

Diante deste livro segue a importância da proposta de Skinner ao analisarmos a história individual do sujeito e a história da espécie a qual ele pertence. Por que para se definir comportamento não adianta olhar somente para o sujeito, e sim olhar quem se comporta e onde se comporta buscando entender quais foram as contingências que selecionaram seu comportamento, e buscar essas explicações não dentro do sujeito e sim no seu mundo exterior. Percebe-se assim que a psicologia moderna teve muitos de seus conceitos repensados devido aos estudos do comportamento humano, saindo do realismo do Behaviorismo Metodológico e entrando no pragmatismo do Behaviorismo Radical. A psicologia se tornou algo mais complexo e objetivo, com isso Skinner tomou para si um legado que passou por grandes nomes como Pavlov, Thorndike, Watson revolucionando com sua filosofia para a ciência do comportamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANOV, M. R.. Ferramentas da Psicologia Organizacional. 2ª Edição. Suzano - SP: Cenaun, 2004.

FADIMAN, J. FRAGER, R. Teorias de Personalidade. Trad. Odette de Godoy Pinheiro. São Paulo: HARBRA, 1986.

FAGGIANI, R. B. Pensamento controlando comportamento. Psicologia e Ciência. Disponível em: <<http://www.psicologiaeciencia.com.br/o-pensamento-controlando-comportamento/>>. Acesso em: 07 de novembro de 2015.

FREUD, S. Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente - VOL. III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JUNG, C. G. Fundamentos de Psicologia Analítica: volume XVIII/1. Petrópolis: Vozes, 2001.

GUIMARÃES. R. P. Deixando o Preconceito de Lado e Entendendo o Behaviorismo Radical. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n3/v23n3a09.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2015.

MATOS, M. A. Behaviorismo metodológico e behaviorismo radical. In: Bernard Rangé (org.). Psicoterapia comportamental e cognitiva: prática, aplicações e problemas. Campinas, Editorial Psy, 1995.

MOREIRA, M. B. MEDEIROS, C. A. Princípios básicos de análise do comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SKINNER, B. F. Seleção por Consequências. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. IX, nº 1, p.129-137, 2007.

SKINNER, B. F. Sobre o Behaviorismo. São Paulo: Cultrix, 1974.

TOURINHO. E. Z. Notas sobre o behaviorismo de ontem e hoje. Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000100022> Acessado em: 08 de Setembro de 2015.